

GRAMÁTICA E PROFESSOR: CRENÇAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA



GRAMÁTICA Y PROFESOR: CREENCIAS EN LA ENSEÑANZA DE LA LENGUA PORTUGUESA

Camila Maria dos Santos Sá¹
Maria das Doris Moreira de Araújo²

Resumo: Este artigo objetiva analisar as crenças de professores de Língua Portuguesa sobre a gramática e o seu papel no ensino de língua materna, possibilitando uma discussão sobre a formação docente e o ensino. Para a análise dessa temática, foram utilizados como aporte teórico Antunes (2003, 2007, 2014), Neves (2003), Possenti (1996), Perini (2005), Travaglia (2008) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Posto isso, foi realizada uma pesquisa de campo com cinco professores de Língua Portuguesa da cidade de Sobral-CE, por meio de um questionário no “Google Forms”, com o intuito de investigar suas crenças sobre o ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa. Sendo assim, concluiu-se que as crenças enraizadas provêm de um ensino arcaico e tradicional que ainda perpetua, hodiernamente, na educação, sendo que no ensino de gramática, há a ideia de que o ensino de Língua Portuguesa está pautado no estudo da gramática normativa, por meio da memorização de regras e termos, porém, é necessário que tais crenças sejam desconstruídas, a fim de que haja um estudo efetivo da língua, a qual é viva e diversificada, sendo importante o conhecimento de outras gramáticas além da tradicional, ampliando o conhecimento linguístico e comunicativo dos alunos.

Palavras-chave: crenças; ensino; gramática; língua portuguesa.

Resumen: Este artículo pretende analizar las creencias de los profesores de lengua portuguesa sobre la gramática y su papel en la enseñanza de la lengua materna, haciendo posible una discusión acerca de la formación y la enseñanza docente. Para analizar este tema fue utilizado como soporte teórico Antunes (2003, 2007, 2014), Neves (2003), Possenti (1996), Perini (2005), Travaglia (2008) y la Base Curricular Común Nacional (Brasil, 2018). Dicho esto, se realizó una encuesta con cinco profesores que trabajan con la asignatura de lengua portuguesa en la ciudad de Sobral-CE. Ellos contestaron a un cuestionario en “Google Forms”, con el objetivo de investigar sus creencias con respecto a la enseñanza de la gramática en las clases de lengua portuguesa. Por lo tanto, se concluyó que las creencias arraigadas provienen de una enseñanza arcaica y tradicional que aún perpetúa, hoy en día, en la educación y en la enseñanza de la gramática, existe la idea de que la enseñanza de la lengua

¹ Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4265007454960723>, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6908-9402>, E-mail: camylasa15@hotmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Professora Assistente do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará - Campus Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (UECE/FECLESC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9674206846550255>, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3863-4869>, E-mail: mdorisaraujo@yahoo.com.br

portuguesa es basado en el estudio de la gramática normativa a través de la memorización de reglas y términos, sin embargo, es necesario deconstruir estas creencias, para que haya un estudio efectivo de la lengua, que es viva y diversa, con conocimiento de otras gramáticas además de la tradicional, así que es importante ampliar los conocimientos lingüísticos y comunicativos de los estudiantes.

Palabras Clave: creencias; enseñanza; gramática; lengua portuguesa.

Introdução

A gramática é alvo de discussões ao tratar sobre seu ensino nas aulas de português, pois influenciado por raízes arcaicas, o ensino de Língua Portuguesa ainda acontece de maneira tradicional, por meio do estudo mecânico da gramática, memorizando regras e termos da norma-padrão. Além disso, muitas crenças dos professores de português colaboram para que essas práticas tradicionais perpetuem, pois embora se tenha o conhecimento teórico de que tais práticas são ultrapassadas e limitadas, as crenças existentes barram a ação efetiva de um ensino mais produtivo.

O presente estudo objetiva analisar as crenças dos professores de português sobre a gramática e o seu papel no ensino de Língua Portuguesa, possibilitando uma discussão sobre a formação docente e o ensino, por meio de uma pesquisa de campo realizada com cinco professores de português do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio, de escolas públicas e privadas da cidade de Sobral/CE, a fim de investigar suas crenças sobre o ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa.

A pesquisa apresenta como suporte teórico: Antunes (2003; 2007; 2014) sobre o ensino de gramática, Neves (2003) em relação ao ensino de Língua Portuguesa, Possenti (1996) ao discutir sobre as concepções de gramática, Perini (2005) sobre a gramática e a heterogeneidade da língua, Travaglia (2008) em relação ao trabalho com a gramática, e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Além disso, a organização deste trabalho se deu em três seções. Na primeira “concepções de gramática”, aborda-se uma reflexão crítica-histórica sobre as crenças existentes em relação a gramática, retratando algumas concepções que vão além da gramática normativa. Na segunda seção “gramática e língua portuguesa”, apresenta-se uma análise crítica sobre o ensino de Língua Portuguesa e o trabalho com a gramática. E, na última seção, “metodologia”, trata-se sobre o método utilizado para essa pesquisa, contendo na subseção, “Resultados e

discussão”, a análise das crenças dos professores de português sobre o ensino de gramática nas aulas de português.

Portanto, acredita-se que esse estudo possa contribuir nas discussões sobre o ensino de Língua Portuguesa, pois se faz necessário analisar as problemáticas presentes na educação, com o intuito de desconstruir as práticas já existentes e que poderão prosseguir perpetuando um ensino mecânico e tradicional da língua, o que envolve desde a educação básica escolar até a formação docente.

Sendo assim, é um conhecimento relevante para os professores de português que já atuam e os que estão em formação, visto que é essencial compreender suas crenças e (re)pensar sobre as práticas mecânicas utilizadas no estudo da gramática, buscando ampliar seus conhecimentos sobre o ensino da língua e sua diversidade, não se limitando às crenças arcaicas e tradicionais.

Crenças e ensino da língua

A análise sobre as crenças são de fundamental importância para melhor se compreender o porquê de tais pensamentos e ações, entendendo os seus fundamentos, que podem ser, muitas vezes, frutos de achismos que são compreendidos e repassados como verdade, como um conhecimento científico, isto é, algo fundamentado em pesquisas e estudos que comprovam tal fato. Sendo assim, segundo Madeira (2005, p. 19):

Em termos básicos, conhecimento é o que se tem como resultado de pesquisa científica, a partir de fatos provados empiricamente. Crenças, por sua vez, são o que se “acha” sobre algo – o conhecimento implícito que se carrega, não calcado na investigação sistemática.

E esse estudo é relevante para melhor compreender o trabalho com a gramática nas aulas de Língua Portuguesa, pois as crenças influenciam a prática docente e o aprendizado do discente, visto que a depender do que o professor crer como certo sobre o estudo da língua e sua gramática é que será apoiado o seu fazer pedagógico, trazendo consequências no processo de aprendizado e aquisição de novos conhecimentos por parte dos alunos, o que se verifica, muitas vezes, em resultados negativos, já que o aluno não adquire conhecimentos linguísticos para além de uma prova.

Logo, pode-se observar que muitos professores possuem, desde a educação básica, um ensino mecânico da língua e em sua formação docente, essa metodologia acaba sendo perpetuada seja pela falta de discussão sobre o assunto ou pela visão extremista de que não se deve ensinar gramática. Então, muitos docentes acabam levando essas crenças enraizadas para a sua prática em sala de aula, perpetuando metodologias arcaicas e insatisfatórias para um aprendizado efetivo. Em vista disso, Antunes (2003, p. 40) ressalta esse impasse na formação docente:

Não tenho dúvidas: se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta, entre outras muitas condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana. O conhecimento teórico disponível a muitos professores, em geral, se limita a noções e regras gramaticais apenas, como se tudo o que é uma língua em funcionamento coubesse dentro do que é uma gramática.

Portanto, embora se tenha consciência de que tais práticas são falhas, o comodismo consequente das crenças acaba sendo uma barreira que dificulta a busca por conhecimento da parte do professor, para que renove suas práticas. Logo, percebe-se que não basta apenas ofertar meios que ampliem o conhecimento desses profissionais da educação, mas que se tenha um olhar voltado para suas crenças, a fim de desconstruí-las, para que o conhecimento realmente seja obtido e posto em prática no ensino.

Concepções de gramática

Esta seção apresenta uma reflexão crítica-histórica sobre as crenças existentes em relação à gramática, retratando algumas concepções que vão além da gramática normativa. O termo gramática apresenta diversas crenças, isto é, “achismos” que são considerados como verdade, devido às raízes profundas que acabam impedindo ampliar a visão sobre o assunto, não havendo um conhecimento fundamentado sobre o presente termo.

Nesse sentido, para melhor compreender as concepções de gramática, é necessário fazer uma breve contextualização, tendo um olhar crítico-reflexivo sobre o passado e a origem da educação brasileira. A educação no Brasil se iniciou com os jesuítas, no período colonial, a fim de catequizar os indígenas, utilizando o sistema educacional chamado “Ratio Studiorum”, o qual era um modelo bastante tradicional e

rígido, em que o professor é considerado o único detentor de conhecimento e os alunos devem apenas ouvir e reproduzir, não permitindo a criticidade e autonomia dos discentes.

Com a expulsão dos jesuítas do território brasileiro, houve uma ruptura na educação, causando um retardo, o qual tem consequências até os dias atuais, pois os desafios enfrentados na educação, desde o atraso no ensino às práticas pedagógicas arcaicas, são raízes de um ensino tradicional, que ainda se pode observar presente em muitas escolas.

Todo esse contexto histórico influencia as crenças existentes sobre a gramática, já que desde o início da educação brasileira se trabalhou somente com a norma culta, a língua padrão, pois muitos acreditam que só existe uma única gramática que é a normativa. No entanto, a gramática vai além da tradicional, sendo preciso ampliar as formas de analisar a língua, a qual é viva e heterogênea.

A partir disso, sabe-se que gramática é um manual que apresenta o conjunto de regras da língua, contudo, surgem novas concepções de gramática. Segundo retrata Possenti (1996, p. 62), há três formas de analisar a gramática: “1) conjunto de regras que devem ser seguidas; 2) conjunto de regras que são seguidas; 3) conjunto de regras que o falante da língua domina”.

A primeira se refere à gramática normativa ou tradicional, bastante conhecida (quicá, a única) nas escolas, que prescreve regras e termos da Língua Portuguesa, conservando-a no seu uso mais formal, norteando uma escrita e fala correta, conforme a norma-padrão da língua, sendo o seu estudo de grande importância, porém, não o único, pois a língua apresenta variações e todas elas são regidas por uma gramática, como critica Antunes (2007, p. 27), “mas existe a ideia simplista e ingênua de que apenas a norma culta segue uma gramática. As outras normas funcionam sem gramática. Movem-se à deriva. Ora, toda língua - em qualquer condição de uso - é regulada por uma gramática”.

A segunda é a gramática descritiva, que analisa a linguagem coloquial, fora da norma-padrão, mas que é perfeitamente comunicativa, pois sabe-se que no cotidiano, muitas pessoas não utilizam a língua formal, como prescreve a gramática normativa, especialmente na sociedade atual com a expansão dos meios digitais que trazem uma linguagem diferente, com abreviações e neologismos a depender da rede social, que vai

de encontro com a gramática tradicional. Sendo assim, a gramática descritiva estuda o uso da língua, isto é, tem o papel de “descrever e/ou explicar as línguas tais como elas são faladas” (Possenti, 1996, p. 65), não estabelecendo “certo e errado”, mas considera a língua no seu uso real, na interação entre falantes.

A terceira se refere à gramática internalizada que é o conhecimento natural que toda pessoa possui em relação a sua língua materna, como explica Possenti (1996, p. 69), “refere-se a hipóteses sobre os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou sequências de palavras de maneira tal que essas frases e sequências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua”, ou seja, é o conhecimento inato que permite que qualquer indivíduo, mesmo nunca tendo sido escolarizado, saiba que a frase “quebrou mesa a” é agramatical, pois não promove comunicação.

Com isso, percebe-se que a gramática é complexa e apresenta outras concepções além da normativa, cuja visão está apoiada em crenças que são deixadas como “heranças” de um passado que precisa evoluir, visto que a língua está sempre mudando e seu estudo requer uma visão ampla sobre diferentes contextos, pois como relata Travaglia (2008, p. 174), “é muito pobre e redutor fazer um ensino de gramática que se atenha só à questão da classificação dos elementos da língua através de uma nomenclatura, esquecendo-se da dimensão do uso [...]”. Logo, mais do que transmitir conhecimento teórico para os professores, é necessário desconstruir as crenças existentes que acabam cristalizando as práticas e dificultando suas mudanças.

Gramática e Língua Portuguesa

Esta seção apresenta uma análise crítica sobre o ensino de Língua Portuguesa e o trabalho com a gramática. Ao tratar sobre o ensino de Língua Portuguesa, observa-se que há a crença de que aprender português significa aprender (o que pode ser designado muito mais em decorar) regras e termos gramaticais, visto que o foco está no estudo da gramática normativa, de modo mecânico e descontextualizado. E essa metodologia acaba impedindo que o ensino da língua aconteça efetivamente, causando resistência e desinteresse por parte dos alunos ao aprender sobre a sua língua materna.

Com o intuito de promover novas práticas para a educação, foram elaborados documentos para orientar o ensino, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que apresenta habilidades e competências as quais devem ser desenvolvidas em cada ano escolar, a fim de promover um ensino efetivo e produtivo. Em relação à Língua Portuguesa, a BNCC propõe um estudo que envolve leitura, escrita, oralidade e análise linguística, promovendo o protagonismo e criticidade dos alunos, como é presente no documento:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (Brasil, 2018, p. 67-68).

E o ensino de gramática não é deixado de lado, porém deve ser baseado em textos, a fim de contextualizar e promover sentido sobre o que é estudado, como declara a BNCC (Brasil, 2018, p. 67):

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.

Nesse sentido, o texto é peça fundamental no ensino de Língua Portuguesa, principalmente, quando se trata do estudo da gramática, já que saber que “e” é uma conjunção aditiva não é o suficiente, pois necessita-se compreender o seu sentido, importância e efeito dentro de um contexto, desconstruindo a dicotomia entre as aulas gramaticais e textuais, conforme expressa Travaglia (2008, p. 235), “[...] não é possível produzir ou entender qualquer texto [...] sem que se saiba gramática, sem que se use a gramática de uma língua”. Além disso, não se deve limitar a um estudo apenas da gramática normativa, mas também considerando as variações linguísticas, proporcionando um ensino amplo da língua, pois como expõe Travaglia (2008, p. 235), “[...] a gramática é na verdade o estudo e o trabalho com a variedade dos recursos linguísticos colocados à disposição do produtor e receptor de textos para a construção do sentido”.

Infelizmente, essa não é a realidade de muitas escolas, pois ainda é bastante presente o ensino tradicional e mecânico da Língua Portuguesa, priorizando unicamente

o estudo da gramática normativa, por meio de frases soltas e inventadas, como critica Neves (2003, p. 115), “mais uma vez insisto no fato de que a escola, em todos os seus níveis, descuida de assentar o tratamento da gramática na reflexão sobre o funcionamento da linguagem [...]”.

E quando se busca utilizar o texto nos estudos gramaticais, ele funciona como “pretexto”, ou seja, serve apenas para retirar palavras ou frases que serão analisadas isoladamente, não promovendo sentido, interpretação e contexto, como critica Antunes (2014, p. 24), “são atividades ocas, porque destituídas do que a linguagem tem de essencial: sua natureza interacional na produção e na circulação de sentidos e de intenções reciprocamente partilhados”.

Por isso, é importante repensar o ensino de gramática, visto que muitas metodologias trabalhadas não colaboram para um aprendizado efetivo que leva a um conhecimento linguístico e comunicativo, sendo necessário desconstruir a crença de que aprender português se resume a aprender/decorar as regras gramaticais, pois como ressalta Possenti (1996, p. 16):

Saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas e sintáticas. Mais profundo que esse conhecimento é o conhecimento (intuitivo ou inconsciente) necessário para falar efetivamente a língua.

Logo, compreende-se que o estudo de gramática vai além de decorar termos e classificações, mas ter um aprendizado significativo sobre a língua e suas variações em diferentes contextos, levando o aluno a ter um conhecimento amplo sobre como utilizar a língua adequando ao contexto de uso, pois como afirma Perini (2005, p. 25), “não existe, simplesmente, uma variedade ‘certa’. Cada situação de comunicação [...] impõe uma variedade própria, que é a ‘certa’ naquela situação”, ratificando a heterogeneidade da língua e a importância de se trabalhar todas as suas variações, a fim de ampliar o leque de conhecimento dos alunos.

Vale ressaltar que muito dessa maneira de se compreender o ensino de gramática advém da formação docente, visto que muitos professores possuem uma formação arcaica que perpetua um ensino mecânico da língua, fazendo com que essa maneira de ensino seja passada de “geração em geração”, formando um ciclo vicioso que dificulta a busca por inovar e melhorar essa metodologia, como apresenta Travaglia (2008, p. 106):

A imagem que a sociedade tem do ensino de língua materna e de como deve ser o professor leva cada professor a repetir um modelo recebido, buscando mais legitimar o seu papel [...] do que fazer algo que represente um ensino significativo para a vida de seus alunos.

Em vista disso, compreende-se a necessidade de discutir sobre a formação de professores, para que haja uma busca efetiva de mudanças, a fim de que os docentes tenham um olhar crítico sobre o ensino e a sua prática pedagógica, especialmente ao trabalhar com o estudo da língua e sua gramática, indo além de boas notas que possam “provar” que o papel docente foi cumprido, mas sim levar o aluno a aprender de maneira ativa e efetiva sobre sua língua materna e suas possibilidades em diferentes contextos de comunicação.

Portanto, o ensino de Língua Portuguesa deve ser apoiado no texto, relacionando o estudo da norma-padrão da língua, como também as suas variações, possibilitando aos alunos um estudo diversificado, contextualizado, que promove sentido e aponta aos discentes a importância de conhecer a Língua Portuguesa e sua gramática para além da sala de aula, preparando-os para saberem utilizar a língua em diferentes contextos de uso.

Metodologia

Esta seção apresenta os pressupostos teóricos utilizados para o desenvolvimento desse trabalho. Para isso, realizou-se uma pesquisa de campo, de caráter descritivo-explicativo com abordagem qualitativa e método indutivo. Foi apresentado um questionário *on-line* via “Google Forms” com cinco professores de Língua Portuguesa da educação básica do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio, de escolas públicas e privadas da cidade de Sobral/CE.

O questionário foi organizado por quatro questões que buscam analisar as crenças desses professores de português sobre a gramática e o seu papel no ensino de Língua Portuguesa. A saber, as perguntas foram, respectivamente: Para você, o que é gramática?; Para você, qual a finalidade ou importância do ensino de gramática nas aulas de Português?; Como você costuma ensinar gramática para seus alunos?; Como professor(a) de Língua Portuguesa, você acredita que o ensino de gramática nas escolas precisa ser revisto e melhorado? Justifique!

A fim de preservar a identidade dos docentes, foi utilizado as seguintes siglas para a identificação dos professores: P1, P2, P3, P4 e P5. Os professores que participaram voluntariamente da pesquisa possuem as seguintes experiências de atuação na área: P1 e P2 - 1 a 3 anos em escola particular e pública (ensino fundamental anos finais e ensino médio); P3 e P4 - mais de 5 anos, respectivamente, em escola particular (ensino fundamental anos finais) e escola pública (ensino fundamental anos finais e ensino médio), e P5 - menos de 1 ano em escola pública (ensino fundamental anos finais).

Desse modo, acredita-se que a análise das respostas dos professores é uma forma efetiva de se verificar as crenças dos docentes que possuem uma certa bagagem de experiência sobre o ensino e o contexto escolar, adequando suas práticas e metodologias conforme suas visões enraizadas sobre a gramática e o ensino de Língua Portuguesa, pois “toda a proposta pedagógica da escola, toda metodologia adotada, cada postura do professor têm seu fundamento maior nos pontos de vista, nas concepções defendidas” (Antunes, 2014, p. 16).

Resultados e discussão

A primeira pergunta, “Para você, o que é gramática?”, busca investigar o que os professores pensam sobre o conceito de gramática e observa-se que há um pensamento em comum ao relatarem que gramática é um conjunto de normas e regras:

P1: Gramática são as normas, as compilações que nos ensinam a entender a essência e a estrutura de nossa idioma, a Língua Portuguesa. Ela não só nos mostra o correto uso da Língua, mas também oferece subsídios para uma comunicação.

P2: Gramática ao meu ver vai além de um conjunto de regras, acredito que ela é a identidade de uma língua.

P3: É tentar conscientizar os alunos da importância de conhecer as normas da nossa própria língua.

P4: É um conjunto de regras utilizadas na norma padrão

P5: É a parte que estuda a estrutura sintática e as convenções da língua como sistema estrutural. É muito importante para o estudo da Língua Portuguesa em sua completude.

A resposta do P2 apresenta um olhar que vai além do habitual, pois ele traz à tona uma reflexão relevante de que a gramática “é a identidade de uma língua”, visto que ela é importante para o estudo da língua, a qual possui uma gramática que a especifica e regula, em qualquer contexto de uso.

Além disso, P1 também acrescenta que a gramática é um suporte relevante para “entender a essência do nosso idioma”, além de ser importante para a comunicação, já que a língua e, portanto, a gramática, só acontece em um contexto de interação, pois “toda a nossa atividade com linguagem é irremediavelmente contextualizada” (Antunes, 2014, p. 109). Com isso, percebe-se que embora ainda seja presente a crença de que gramática é somente um conjunto de regras que prescrevem a norma culta, ou seja, a gramática normativa, há alguns professores que apresentam uma visão que ultrapassa essa crença.

Vale destacar que muito desse pensamento limitado sobre o conceito de gramática é fruto de uma formação precária que não leva ao conhecimento dos futuros professores sobre discussões em relação aos tipos de gramática e sua diversidade, até mesmo trabalhando com autores que dedicaram pesquisas sobre a temática, tais como Irlandé Antunes, Maria Helena de Moura Neves, Luiz Carlos Travaglia, entre outros linguistas, os quais pouco são estudados na formação docente em Letras-Português, como ressalta Antunes (2003, p. 40):

Não tenho dúvidas: se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta, entre outras muitas condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana. O conhecimento teórico disponível a muitos professores, em geral, se limita a noções e regras gramaticais apenas, como se tudo o que é uma língua em funcionamento coubesse dentro do que é uma gramática.

A segunda indagação, “Para você, qual a finalidade ou importância do ensino de gramática nas aulas de Português?”, trata sobre a importância do ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa, em que os professores relataram:

P1: A Gramática deve (deveria) não só nos apresentar o correto articular da Língua, mas também aguçar nossa percepção lógica em outros sentidos, tal qual a função da gramática na Língua Latina, por exemplo.

P2: A linguagem tem primeiramente a função de organizar o nosso pensamento. Nesse sentido, o ensino de gramática é essencial para que tenhamos acesso aos códigos necessários para entender a língua concretamente.

P3: É necessário tentar equilibrar fala e escrita, tendo em vista que essa é a maior dificuldade dos falantes da nossa língua. A informalidade é muito usada na oralidade, mas na hora de escrever é a linguagem formal que deve prevalecer.

P4: Orientar o uso da linguagem adequada a cada situação de comunicação

P5: É importante para que os alunos possam compreender as partes da língua portuguesa e suas funções na comunicação. No ensino de gramática auxilia na escrita e oralidade, uma vez que os alunos aprendem a escrever e falar de forma adequada.

Compreende-se que o P1 afirma que a gramática não se baseia apenas na visão tradicional de “certo x errado” como finalidade ímpar do seu estudo, mas também “aguçar outros sentidos”, comparando com a gramática da Língua Latina. Vale destacar a reflexão apresentada pelo P3 ao retratar sobre fala e escrita, e a contraposição entre a linguagem informal e formal, apontando a crença de que a oralidade não segue uma gramática e vai em desacordo com o “correto”, isto é, a norma-padrão, e essa ideia leva os alunos questionarem “para que eu vou usar todas as regras da gramática?”, já que não faz sentido o estudo em sua realidade.

Por isso, é importante apresentar aos discentes como a língua deve ser utilizada adequadamente a cada contexto, como retrata P4 e P5 ao utilizarem o termo “adequada”, desconstruindo a dicotomia “certo x errado” da Língua Portuguesa, embora seja uma crença enraizada, mas que vem perdendo força com o passar do tempo e com o conhecimento que vai se expandido sobre a língua.

A terceira questão, “Como você costuma ensinar gramática para seus alunos?”, busca compreender como os professores trabalham a gramática nas aulas de português, obtendo-se:

P1: A partir da lógica. Se um aluno sabe entende a diferença entre: “O gato comeu o rato” e “O rato comeu o gato”, então ele sabe diferenciar sujeito de objeto direto. São termos que não têm funções diferentes. A lógica também ajuda a eliminar a “decoreba” das conjunções, tão incentivada, infelizmente, por muitos professores. Se mandarmos um aluno decorar as conjunções subordinativas temporais, ele se deparará com o “Quando”; mas, em certos contextos, essa conjunção assume valor concessivo ou condicional. Então a decoreba não ajudou em nada esse aluno! Por isso, o ensino de gramática deve ser feito sempre a partir da percepção lógica.

P2: Infelizmente seguimos um currículo escolar que de certo modo nos amarra à uma prática de decorar regras.

P3: Apresento as regras com exemplos da própria gramática, mas sempre vou citando exemplos da TV, redes sociais e relatos do cotidiano.

P4: Trabalhar o texto e, em seguida, explicar alguns casos de gramática relevante para a boa comunicação

P5: A partir do trabalho com textos. Introduzo a gramática e ensino a partir do trabalho com a leitura e escrita em sala.

A partir dessa questão, percebe-se que alguns docentes buscam trabalhar a gramática contextualizada, a fim de promover sentido, como retrata P1, P4 e P5, pois estes relatam ensinar gramática por meio do texto, com leitura e escrita, com o intuito de fugir da simples memorização de termos e classificações, mas buscando que o aluno compreenda significativamente o conteúdo. Esse pensamento é muito válido para o

ensino e é interessante observar que alguns professores possuem essa consciência e tentam trazer isso em sua prática em sala de aula, embora em alguns casos, haja empecilhos do próprio sistema educacional.

E a resposta de P1 ressalta a importância de promover sentido, já que aprender gramática não se resume a memorizar regras, mas sim uma questão de lógica, sendo importante que o aluno entenda o porquê de tal regra e como ela funciona na prática, na interação real, não em frases soltas e inventadas aleatoriamente, pois como salienta Antunes (2007, p. 81), “ao explorar questões de gramática, nos fixemos nas condições de seus usos e nos efeitos discursivos possibilitados pelo recurso a uma ou a outra regra”.

Por outro lado, P2 e P3 apresentam algumas problemáticas do ensino, pois P2 critica o currículo escolar que acaba limitando o trabalho do professor, no caso do ensino de gramática, a um estudo mecânico em decorar regras, sendo uma prática também relatada por P3, embora ele busque relacionar com exemplos da realidade dos alunos, tais como “TV, redes sociais e relatos do cotidiano”, o que aproxima o conteúdo ao cotidiano dos discentes, mas ainda é insuficiente trabalhar apenas os exemplos da gramática, visto que, muitas vezes, são frases sem um contexto.

Por fim, o último questionamento, “Como professor(a) de Língua Portuguesa, você acredita que o ensino de gramática nas escolas precisa ser revisto e melhorado? Justifique!”, deu-se como uma motivação a uma reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa, solicitando dos professores sua opinião em relação a necessidade do ensino de gramática ser revisto e melhorado, obtendo-se:

P1: Sim, exclusivamente, se passarmos a trabalhar mais o porquê de estudarmos a gramática; qual a função, quais os benefícios que ela pode nos trazer.

P2: Claro.

P3: Já existem formas mais dinâmicas para se ensinar gramática. No entanto, às vezes, o professor precisa do apoio da gestão para executar tais atividades. Mas o que me preocupa mesmo é o fato do ensino de gramática ser praticamente esquecido nas escolas públicas.

P4: Sim. Pois hoje é importante haver comunicação e o uso adequado da língua para cada situação.

P5: Com certeza. O ensino atualmente é contextualizado e coloca o aluno como protagonista. Dessa forma, o ensino de gramática deve ser repensado a fim de que esteja relacionado com a realidade do aluno.

As reflexões apresentadas por cada docente são interessantes e pode-se observar que todos têm a consciência de que o ensino de Língua Portuguesa precisa ser

melhorado, como aponta P1 ao criticar o ensino tradicional da gramática, sendo relevante trabalhá-la por meio do texto, com o intuito de compreender o sentido e a função dos conteúdos gramaticais. P4 e P5 apresentam a necessidade de repensar o ensino de gramática, pois deve-se desconstruir a ideia de “certo x errado”, mas sim a linguagem adequada a cada contexto, como ressalta P4, além da necessidade de relacionar o estudo da gramática com a realidade dos alunos, como acrescenta P5.

Vale destacar o comentário de P3 que traz uma crítica e reflexão sobre a falta de apoio da gestão ou do próprio sistema escolar para que práticas mais produtivas sejam desenvolvidas, além da crítica pertinente ao ensino de gramática nas escolas públicas, que é praticamente anulado, não tendo um espaço devido, sendo um conhecimento necessário para os alunos, visto que

O papel da escola não é o de ensinar uma variedade no lugar da outra, mas de criar condições para que os alunos aprendam também as variedades que não conhecem, ou com as quais não têm familiaridade, aí incluída, claro, a que é peculiar de uma cultura mais "elaborada" (Possenti, 1996, p. 84).

Em vista disso, a partir das respostas obtidas dos professores compreende-se que o ensino de gramática precisa ser repensado devido à crença enraizada de que ensinar português é apenas aprender/decorar todas as regras gramaticais, sabendo identificar e classificar frases/palavras soltas ou retiradas de um texto.

Além disso, observa-se que os professores possuem o conhecimento de que essa prática mecânica e tradicional não promove um ensino efetivo, contudo, tal conhecimento acaba ficando apenas na teoria, já que alguns obstáculos impedem que se concretize na prática, seja devido o sistema escolar que acaba limitando o trabalho do docente ou as crenças que acabam funcionando como uma barreira para que se busque inovar e sair do cômodo. Contudo, compreende-se a importância do docente buscar maneiras de reverter essa situação presente nas aulas de português, pois como afirma Antunes (2003, p. 44):

Tenho em mente um professor de português que é, além de educador, lingüista e pesquisador [...], alguém que, com base em princípios teóricos, científicos e consistentes, observa os fatos da língua, pensa, reflete, levanta problemas e hipóteses sobre eles e reinventa sua forma de abordá-los, de explicitá-los ou explicá-los.

Portanto, entende-se a necessidade de um olhar mais crítico sobre a formação docente, buscando ampliar os conhecimentos teóricos e práticos sobre a língua, a gramática e o ensino, a fim de que os futuros professores de português desenvolvam uma prática pedagógica significativa, especialmente ao tratar sobre o estudo da língua, buscando driblar os obstáculos que possam surgir na realidade educacional.

Considerações finais

Este artigo teve o objetivo de analisar as crenças dos professores de português sobre a gramática e o seu papel no ensino de Língua Portuguesa, possibilitando uma discussão sobre a formação docente e o ensino, por meio de uma pesquisa de campo realizada com cinco professores de português do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio, de escolas públicas e privadas da cidade de Sobral/CE, a fim de investigar suas crenças sobre o ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa.

Conforme esse estudo, compreende-se que as crenças existentes sobre o ensino de gramática apresentam raízes de uma educação arcaica, que ainda se perpetua nos dias atuais, por meio do ensino tradicional e mecânico, no caso do estudo da gramática, fundado na memorização de regras e termos que são trabalhados isoladamente, utilizando frases e palavras soltas ou retiradas de um texto, o qual não passa de “figurante” no ensino.

Além disso, apoiado na pesquisa realizada com os professores de português, percebe-se que a crença existente sobre o ensino de Língua Portuguesa ser pautado apenas no ensino das regras gramaticais, acaba dificultando o estudo da língua. Embora os professores tenham consciência de que tal pensamento é limitado, há barreiras que impedem a prática de um ensino mais produtivo, devido às crenças enraizadas tanto nos professores, como na gestão e no sistema escolar.

Mediante as reflexões e análises apresentadas em todo este artigo, conclui-se que é fundamental compreender as crenças enraizadas dos professores de português sobre a gramática, pois isto influencia diretamente em suas práticas no ensino, sendo necessário que tais crenças sejam desconstruídas, repensando a formação docente e suas limitações em relação ao conhecimento teórico e prático desses futuros professores de português, devendo-se ampliar as discussões sobre o ensino de Língua Portuguesa, a fim de que

haja um estudo efetivo da língua, a qual é viva e diversificada, sendo importante o conhecimento de outras concepções de gramática além da tradicional.

Portanto, espera-se que este estudo possa contribuir com outras pesquisas direcionadas ao ensino de Língua Portuguesa e o trabalho com a gramática, com o intuito de conscientizar cada vez mais os professores de português atuantes ou em formação, sobre a importância de um ensino efetivo da língua, por meio de práticas significativas que buscam promover um conhecimento linguístico e comunicativo aos alunos, não se limitando a crenças arcaicas.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Gramática Contextualizada**: limpando "o pó das ideias simples". 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26/01/2024.

MADEIRA, Fábio. Crenças de professores de Português sobre o papel da gramática no ensino de Língua Portuguesa. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 8, n. 2, p. 17-38, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15613/9800>. Acesso em: 26/06/2024.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?**. São Paulo: Contexto, p. 110-152, 2003. Disponível em: <https://doceru.com/doc/e5excn0>. Acesso em: 26/01/2024.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil. Campinas, SP, 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Submetido em 07 de fevereiro de 2024.

Aceito em 26 de junho de 2024.